



TORÇÃO ESPLÊNICA EM CÃO: RELATO DE CASO

Brisa Márcia Rodrigues Sevidanes^{1*}, Patrícia Maria Coletto Freitas², Camila Siqueira Costa³, Ana Carolina Coelho Costa⁴ e Lorryne Pabline Diniz e Silva Braga⁴.

¹Médica veterinária – Belo Horizonte/MG – Brasil – *Contato: brisa.mrs@gmail.com

²Docente do Curso de Medicina Veterinária – Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG – Belo Horizonte/MG – Brasil

³Discente no Programa de Pós-Graduação Escola de Veterinária da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG – Belo Horizonte/MG – Brasil

⁴Discente no Curso de Medicina Veterinária – Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG – Belo Horizonte/MG – Brasil

INTRODUÇÃO

A torção esplênica é uma afecção rara em pequenos animais, a mesma ocorre quando o baço gira em torno do seu pedículo ocasionando obstrução vascular.¹ Atinge geralmente cães de raças grandes e de peito profundo, sendo relacionada à torção/dilatação gástrica parcial ou de resolução espontânea^{1,2}. Essa afecção também pode estar relacionada com anormalidades congênitas ou rupturas traumáticas do ligamento gastroesplênico ou esplenocólico.³

Os sinais clínicos da torção esplênica são inespecíficos, os animais acometidos podem apresentar êmese, icterícia, apatia, diarreia, algia e distensão abdominal⁴. No hemograma e bioquímico pode ser observado anemia, hemoglobinemia, leucocitose, aumento da fosfatase alcalina e da ureia.⁵

A ultrassonografia abdominal associada ao doppler colorido é fundamental para o diagnóstico dessa patologia.⁶ A torção esplênica exige tratamento cirúrgico emergencial, sendo a esplenectomia total a técnica de escolha. O manejo clínico usualmente é limitado a estabilizar o animal para cirurgia.³ O objetivo deste trabalho é relatar um caso de torção esplênica em um cão da raça Spitz Alemão diagnosticado post-mortem, ressaltando a importância dos exames complementares para o diagnóstico.

RELATO DE CASO E DISCUSSÃO

Um cão da raça Spitz Alemão, com doze anos de idade, pesando 9,5 Kg, foi atendido em uma clínica veterinária de Belo Horizonte. Durante a anamnese, o tutor relatou que o animal apresentava apatia, hiporexia e episódios de êmese e diarreia há 3 dias, sendo esses o motivo da consulta. A proprietária relatou que o animal era muito ativo e possuía apetite aumentado, sendo alimentado duas vezes ao dia. Ao exame clínico, o paciente apresentava desidratação moderada, tempo de preenchimento capilar de dois segundos, mucosas congestas, ausculta cardíaca e pulmonar sem alterações, temperatura retal de 37,5°C e abdome rígido.

Foi então solicitada a realização dos exames de ultrassonografia abdominal, hemograma e bioquímico. Devido ao estado geral do paciente e as limitações financeiras do tutor, o animal foi internado para correção da hidratação e veio a óbito 24 horas após a entrada ao consultório, antes da realização da ultrassonografia.

A necrópsia foi realizada, na qual foi observada torção do baço. O órgão se apresentava escurecido, retorcido com aspecto macroscópico de infarto (Fig. 1).⁸ O pedículo vascular esplênico, encontrava-se envolto ao omento e rotacionado em 360° (Fig. 2).



Figura 1: Aspecto macroscópico do infarto esplênico. Notar área focalmente extensa, vermelho-enechada em uma das extremidades do órgão. (Fonte: arquivo pessoal).



Figura 2: Hilo esplênico rotacionado. (Fonte: arquivo pessoal).

A maioria dos relatos descritos de torção esplênica refere-se a casos ocorridos em cães de raças grandes e gigantes, sendo rara a ocorrência em cães de pequeno porte. No presente trabalho relata-se o caso ocorrido em um cão da raça Spitz Alemão, não é do conhecimento dos autores a descrição de torção esplênica na raça em questão.

O hemograma completo e o perfil bioquímico sérico revelaram que o paciente apresentava anemia normocítica normocrômica com desvio a esquerda que pode ter sido resultante do sequestro de hemácias pelo baço torcido e da inflamação em curso, está podendo ser advinda do processo de torção.⁵ O exame bioquímico apresentou uremia e aumento de creatinina, que pode ser acarretado devido a desidratação do animal.

O comportamento de apetite aumentado associado ao manejo alimentar, relatado pela tutora, pode sugerir envolvimento da dilatação gástrica.⁷ Caso tenha ocorrido, houve resolução espontânea da dilatação/torção gástrica, pois a mesma não foi evidenciada na necropsia.

Não se sabe ao certo há quanto tempo a doença progredia, no entanto é possível destacar que o animal já apresentava sinais clínicos há 3 dias, quando o atendimento foi buscado, o que condiz com dados da literatura em que cães demonstraram sinais de torção esplênica por até quatro meses antes do diagnóstico.⁴

Apesar da maior parte dos achados clínicos e laboratoriais terem sido semelhantes aos encontrados por outros autores, acredita-se que esses não foram suficientes para o diagnóstico definitivo e tratamento efetivo no caso relatado, resultando no óbito do paciente.⁵

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O diagnóstico da torção esplênica deve ser realizado o mais rápido possível por meio da associação dos sinais clínicos com exames complementares como a ultrassonografia e o doppler colorido. O acesso rápido aos métodos de diagnóstico corrobora para um melhor prognóstico do paciente.

A baixa frequência alimentar e o aumento do apetite parecem ser fatores de risco para o desenvolvimento da doença, uma vez que podem causar dilatação e torção gástrica, afecções que predisõem a torção esplênica.

É importante ressaltar que mesmo em cães não predispostos a torção esplênica, segundo a literatura, não se deve descartar esta patologia como diagnóstico diferencial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1- MAI, W. **The hilar perivenous hyperechoic triangle as a sign of acute splenic torsion in dogs.** Vet. Radiol. Ultrasound, v.47, p.487-491, 2006.
- 2- Azevedo, F. D. et al. **Torção primária do baço em cães – Relato de caso.** Revista Brasileira de Medicina Veterinária, 33, 89-94, 2011.



XII Colóquio Técnico Científico de Saúde Única, Ciências Agrárias e Meio Ambiente

- 3- FOSSUM, T.W, CAPLAN, E.R. **Cirurgia do Sistema Hemolinfático.**
In. FOSSUM, T.W. Cirurgia de Pequenos Animais. 4^a ed. Rio de Janeiro:
Elsevier p. 685 – 700, 2014
- 4-REINHART, J. et al. **Chronic splenic torsion in two dogs.** J. Am.
Anim. Hosp. Assoc., v.51, p.185-190, 2015.
- 5- GOLDSMID, S.E. et al. **Successful derotation of a splenic torsion in
a racing greyhound.** J. Small Anim. Pract., v.35, p.112-115, 1994.
- 6- SAUNDERS, et al. **B-mode and Doppler ultrasound imaging of the
spleen with canine splenic torsion: a retrospective evaluation.** Vet.
Radiol. Ultrasound, v.39, p.349-353, 1998.
- 7- Maxie, M. G. et al, **Splenic torsion in three great danes - Case report.**
The Canadian Veterinary Journal, 11, 249-255, 1970.
- 8- Figueiredo, R.S. **Lesões em 224 baços de cães esplenectomizados e
avaliação de técnicas alternativas para diagnóstico microscópico
prévio.** Universidade Federal da Bahia, 2018.

APOIO:

